

Acabar com a violência sobre as mulheres

CAMPANHA "ACABAR COM A VIOLÊNCIA SOBRE AS MULHERES"

"Enfurece-me ouvir uma menina de 14 anos contar como foi violada; enfurece-me mais ainda ouvir uma mãe, uma mulher de 28 anos, contar como foi violada e como viu violarem, sob os seus olhos, a sua filha de 10 anos. São histórias terríveis. Mas o que faz com que eu realmente me enfureça é que o mundo fique em silêncio enquanto tais atrocidades continuam." Irene Khan, Secretária Geral da Amnistia Internacional.

A violência sobre as mulheres é das mais vastas e persistentes violações de Direitos Humanos, e manifesta-se em diversos contextos: na família, na comunidade, nas instituições estatais, em situações de conflito e pós- conflito armado. A violência ou a sua ameaça afectam a capacidade de todos os cidadãos de exercerem livremente os seus Direitos Cívís, Políticos, Sociais, Económicos e/ou Culturais.

A violência sobre as mulheres não é normal, legal ou aceitável e não devia ser tolerada ou justificada. Acabará quando cada um de nós se comprometer a não cometê-la, a impedir que outros a cometam, e a lutar até que seja eliminada em todo o Mundo.

A violência sobre as mulheres reveste-se de várias formas:

VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA

A violência no seio da família assume formas diferentes — desde a agressão física à agressão psicológica, como a intimidação e a humilhação, incluindo vários comportamentos e atitudes como, isolar a pessoa da sua família e amigos, controlar e restringir os seus movimentos e o acesso à informação ou auxílio

VIOLÊNCIA SEXUAL

A violação é a forma mais violenta de violência sexual. Está também associada à gravidez não desejada e às doenças sexualmente transmissíveis, incluindo o HIV/SIDA. Contudo, a violação não é muitas vezes denunciada devido ao estigma que lhe está associado, e muito menos vezes é punida.

MULHERES E A GUERRA

A violência sobre as mulheres durante conflitos armados atinge proporções epidémicas. A violação em massa é usada frequentemente como arma de guerra, com o agravamento de, durante o conflito as mulheres serem forçadas física e economicamente a prostituírem-se, para assegurar as necessidades básicas da família. A guerra prejudica as mulheres de várias formas — as mulheres e as crianças constituem a maioria dos refugiados e dos internamente deslocados.

PRÁTICAS NOCIVAS

Praticamente todas as culturas do mundo contêm formas de violência sobre as mulheres que são quase invisíveis, porque são vistas como "normais" ou "habituais". A mutilação genital feminina, os casamentos forçados, os "crimes de honra" são algumas das práticas "consentidas" pelas comunidades.

VIOLÊNCIA E IMPUNIDADE

A violência sobre as mulheres permanece muitas vezes sem investigação ou punição. Alguns Estados não têm leis de protecção e prevenção, outros têm leis falíveis que podem resultar na condenação de algumas das formas de violência, mas excluem outras. Mesmo com a legislação apropriada, muitos estados falham na sua implementação. Na revisão de 1994-2003, o Relator Especial da ONU sobre a Violência contra as Mulheres apontou problemas de implementação legislativa em quase todos os Estados que foram objecto de análise. Estatísticas

As estatísticas da violência contra as mulheres põem a descoberto a existência de uma tragédia de dimensões mundiais do ponto de vista dos direitos humanos:

Pelo menos uma em cada três mulheres, ou um total de um bilião, foram espancadas, forçadas a ter relações sexuais, ou abusadas de uma forma, ou outra, nas suas vidas. Dados estatísticos revelam que o abusador é, normalmente, um membro da própria família ou alguém conhecido. (E, L Heise, M Ellsberg, M Gottemoeller, 1999)

Uma em cada cinco mulheres será vítima de violação ou tentativa de violação na sua vida (OMS 1997)

A violência contra as mulheres no espaço doméstico é a maior causa de morte e invalidez entre mulheres dos 16 aos 44 anos (Conselho da Europa)

Estima-se que na Europa, 1 em cada 5 mulheres é vítima, pelo menos uma vez na vida, de agressões no espaço doméstico.

Mais de 135 milhões de raparigas e mulheres têm sido sujeitas à mutilação genital e cerca de 2 milhões estão em risco todos os anos (6.000 todos os dias) (ONU, 2002).

82 milhões de raparigas, com idades compreendidas entre os 10 e os 17 anos, casarão antes do seu 18º aniversário (UNFP)

Em 2003 pelo menos 54 países tinham leis discriminatórias contra as mulheres (baseado num relatório do Relator Especial da ONU sobre a Violência contra as Mulheres).

79 países não tinham legislação sobre a violência doméstica (ou esta era desconhecida) (UNIFEM, 2003)

Devido a abortos de selecção sexual ou a cuidados médicos inadequados, pelo menos 60 milhões de bebés do sexo feminino não chegaram a nascer uma vez que são consideradas menos importantes que os rapazes. (E, Joni Seager, 2003).

Em Portugal (fonte – PSP, GNR e APAV – Relatório “Mulheres (In)visíveis”)

No ano de 2005 foram denunciados 18.192 casos de violência doméstica à GNR e/ou à PSP. A APAV recebeu, no mesmo ano, 12.809 denúncias.

Entre 65% a 87% dos casos apresentados às autoridades, o agressor era cônjuge ou companheiro da vítima

O SEU PAPEL

Ao ajudar a Amnistia Internacional, está a contribuir para que milhares destas mulheres tenham uma voz. Para que as atrocidades de que são vítimas não caiam no esquecimento. Para que os responsáveis sejam punidos. E para erradicar de uma vez por todas este flagelo da face da Terra. Contamos consigo.

Ø Interesse-se:

Investigue e acompanhe a forma como a sua própria comunidade, governo, forças de segurança e tribunais respondem á violência contra mulheres e raparigas

Ø Tome uma posição:

Fale acerca da violência sobre as mulheres. Desafie atitudes preconceituosas e desprezíveis

Ø Tome uma atitude:

Junte-se à nossa campanha global pelo direito das mulheres serem livres de violência e discriminação